

VILÉM FLUSSER

Boite Postale 2, 49590 Fontevraud, (Maine-et-Loire), France
Tel: 58 à Fontevraud par Saumur (41-519111)

Fontevraud, 23 avril 74

Meu caro amigo Milton,

grato por sua carta (TV) do dia 9. Então você se converteu, não apenas ao empirismo radical, mas também à TV? Panta rhei. Li o artigo nas Folhas. É entrevista, portanto certamente deforma as opiniões do sr- Clark, mas indubitavelmente trata-se de um manipulador inteiramente enquadrado no sistema. Além disto os problemas por ele apontados não o são aqui, já que infelizmente aqui o nível, para falar com Clark, é muito "degradado", (por exemplo no período eleitoral atualmente). De acordo com Morin o nível da TV francesa se mantém à altura de 14 anos mentais, enquanto o brasileira na de 8 anos.

Anexo cópia do meu "paper" elaborado para a Rockefeller Foundation. O original português foi enviado ao Reale para a RBF mas você poderia me fazer o favor de submeter o manuscrito à "aldeia global" da qual as Folhas falam. Quem sabe é publicável? Estou penetrando o diálogo "dentro da aldeia global", mas perdendo as bases brasileiras: não mais publico na imprensa brasileira. Isto me torna triste. Por exemplo: acabo de receber a última "Philosophical Index", (Centro computarizado de filosofia na América e Europa), e vejo que sou o único pensador brasileiro "fichado". Poderia servir de elo, mas perco minha base. Tudo que escrevo traduzo para português, mas nada é publicado.

Basta de choradeira. Quando você pretende reaparecer à beira da Loire para rever João-sem-Terra? Ficaremos aqui provavelmente o verão todo, e depois possivelmente iremos à Columbiya Uni. participar de um seminário sobre "art and science".

Abraços.

VILÉM FLUSSER

Boite Postal 2, 49590 Fontevraud, (Maine-et-Loire), France
Tel: 58 à Fontevraud par Saumur (41-519111)

Fontevraud, 1/5/74

Meu caro Milton, grato por tua carta de 7/4 com os recortes do Gudin e da Folha sobre a situação franceza. Respoderei os dois pontos, mas primeiro deixe-te dizer como me surprende a constatação do abismo de comunicação entre mim e você: os mesmos problemas se colocam inteiramente de forma diversa. Isto se deve, (teóricamente), à diversidade de fontes de informação das quais dispomos. Pois se nós dois, tão ligados, estamos nos des"faseando", imagine como o Brasil se des"faseia" da Europa. Dois mundos ligados por mal entendidos. Voltarei ao problema no fim desta carta. Petróleo: Para você é problema técnico, porque problema de como substituir uma fonte de energia por outra. Este aspecto do problema nunca interessou na Europa. Há inúmeras outras fontes: carvão, gás, nuclear, calor terrestre, solar, ventos. Pelo contrário: limitado o uso do petróleo, (que era fonte extremamente, ridícula, mente, barata, mas inimiga do ambiente), as demais fontes se abrem, e será assim possível superar o automóvel. Aliás, problemas técnicos são sempre secundários, porque dizem respeito, não a metas, mas a métodos para alcançá-las. Por isto, a história da técnica é tão chata se comparada com a história da ciência: é uma serva. (Falo da técnica que decorre da ciência, não da técnica em arte: isto lá é outra coisa.) Aliás: você fala em técnica "brasileira" coisa extremamente cómica no contexto europeu. Técnica, como tudo que diz respeito ao pensamento, não conhece nacionalidade. É "internacional", como o é a Igreja, a arte, a ciência, o capital e o comunismo, para dar alguns exemplos. O problema do petróleo, visto daqui, tem dois aspectos, político um, social o outro. (a) Político: pela primeira vez os "colonizados" se cartelizam. (Não importa se são revolucionários como o Iraque, a Argélia e a Líbia, ou ainda feudais como a Saudiarábia e os emirados). Pois o Ocidente está abalado com isto. Sacrifica Israel, a África portuguesa, a África do Sul rompe a união Europa-USA, rompe o Mercado, em suma: treme. E isto é apenas o começo. Virá o papel, (já está chegando), o urânio, o tungstênio, até chegará a água. Os horizontes da expansibilidade da tecnologia se tornaram visíveis, portanto do Ocidente. (b) Social: o impacto da elevação do petróleo é inflacionário, e inflação é escravidão quando ultrapassa os 8%. São os pobres que pagam pelos ricos. Nem o liberalismo nem o dirigismo encontraram até agora remédio contra isto, apenas o socialismo parece escapar à praga. Portanto: forte guinada para a esquerda. Pois nestas coordenadas, (impostas sobre mim pelas informações que recebo), a crise do petróleo no Brasil se apresenta de maneira totalmente diversa da que você e Gudin mencionam. Não é o problema do petróleo, (o gasto de petróleo no Brasil é pequeno se comparado com os USA e Europa, tanto per capita como absolutamente), mas o problema do reflexo da crise europeia e americana. Se os capitais voltam a ser aplicados a médio prazo nos centros e na Arábia, não irão para América Latina e África que serão sacrificados. E se o Terceiro Mundo se mobiliza, a posição da burguesia latinoamericana e dos brancos na África periclitada. Talvez já 75 mostrará isto, (e Portugal já o está mostrando). Tua minimização do problema parece, vista daqui, alienada. Não se trata, no Brasil, de "liberalização burguesa" ou "aburguesamento do proletariado urbano". Trata-se de um processo de reformulação da sociedade a partir do proletariado rural, processo universal que tem por foco a China e a África do Norte, e do qual o Brasil fará necessariamente parte. Gente de cor contra brancos, se você quiser mongóis, indianos, árabes, negros, índios e caboclos contra o burgues e o proletário aburguesado branco. É assim aproximadamente que a crise de petróleo, vista daqui, se apresente. França: Sem dúvida, maio 68 é importante. Mas a Nova Esquerda continua muito fraca, dividida, e não pesa nas eleições presentes. O país está dividido entre a direita e a velha esquerda. A direita promete "milagre econômica" durante um terceiro período de sete anos. 21 de "ordem e progresso". A esquerda afirma que tal progresso não tem sentido, que o país é suficientemente rico para proceder a socialização, e que

VILÉM FLUSSER

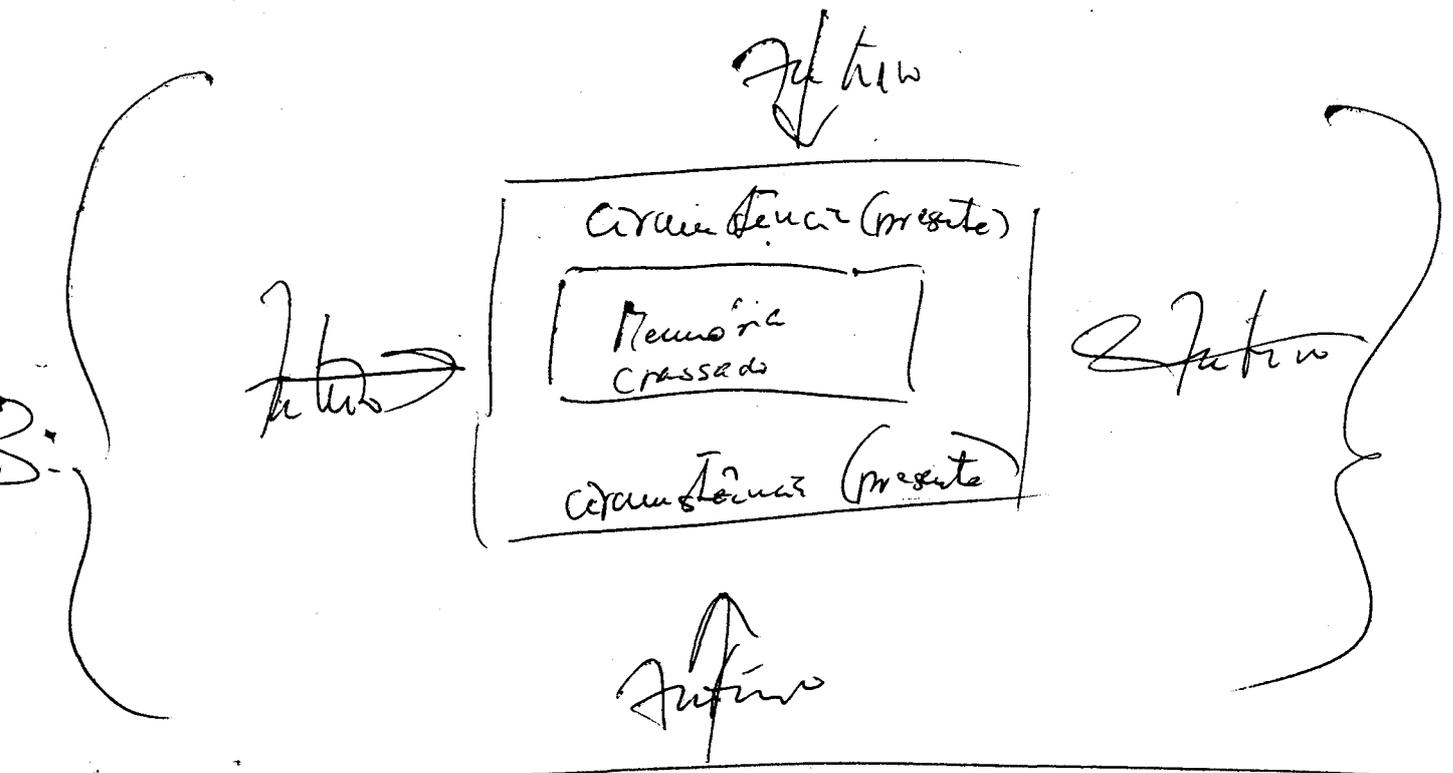
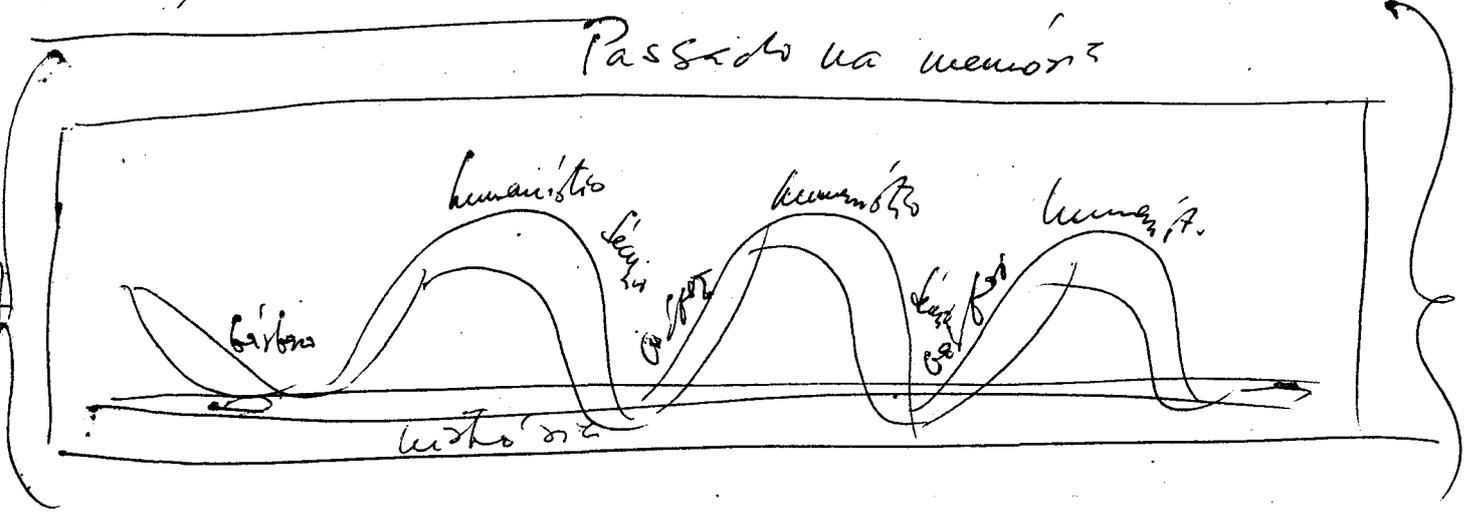
isto pode ser feito com calma. Exemplos: salário mínimo: direita afirma que F 1.200 são o máximo atualmente suportável, esquerda afirma que 1.500 já e 2.000 em 75 são viáveis, (custarão 3 bilhões, coisa que a força de frappe custa). Exemplo: direita afirma que estudos pagos como ordenado são impossíveis e indesejáveis, esquerda afirma o contrário. Exemplo: direita afirma que maternidade paga como profissão é absurdo, esquerda afirma ser possível. Exemplo: Esquerda afirma que progressiva nacionalização das empresas acima de 500 operários é viável com pagamento aos proprietários pelo "valor real" sem aumento de impostos, já que os lucros das empresas o permitem. Direita nega isto. Em suma: não há diferença de metas: direita concorda que socialização é desejável, e afirma que já está acontecendo. Apenas o ritmo diverge. Mas o futuro é perigoso. Se Giscard ganhar, teremos onda de greves. Se Mitterrand, o capital fugirá para a Suíça. (Porque os burguezes, embora inventores da nação e do nacionalismo, são mais internacionalistas que os socialistas.) Creio que Giscard ganhará, (se Mitterrand não vencer neste domingo.) Mas a divisão é 50/50, (como na Europa toda), e isto é mais outro aspecto da "crise do Ocidente". Uma palavra à margem: a discussão eleitoral é extremamente moderada, mas isto em nada ajuda. Há abismo insuperável entre direita e esquerda, são duas raças diferentes. Nos termos de Mitterrand: a direita visa a França, a esquerda os franceses. Nos termos de Giscard: a direita visa o homem, a esquerda a humanidade. Isto é trágico, porque não permite verdadeira cooperação, ("abertura para a esquerda"). Giscard não pode ter Mitterrand como primeiro ministro. (Aliás, a experiência italiana, alemã e inglesa o provam.) Em suma: embora haja vontade de colaboração, há incompatibilidade profunda. E a nova esquerda, única luz nas trevas, está falhando, porque não dispõe de "estrutura". Ouvir falar Krivine é experiência dolorosa. Única consolação: a direita tradicional morreu. Le Pen e Royer são de comicidade irresistível. Creio que atualmente Hitler e Mussolini serão vistos como Chaplins. E Pétain e Chamberlain como figuras de romance balzaquiano. Desde que morreu o espantalho comunista, (embora Chaban o queira ressuscitar, coisa que explica sua derrota surpreendente), não há mais lugar para a "reação" no sentido da primeira metade do século, mas creio que com o espantalho morreu também o próprio comunismo. Lembrem-se da primeira sentença do Manifesto. Por isto os acontecimentos em Lisboa têm aparência de opereta. Portugal é arcaico até nos seus comunistas. Talvez daremos um pulo até lá para ver a coisa. Darei reportagem em tal caso. - Quanto ao abismo em comunicação que nos separa, a despeito da nossa amizade que sinto imperturbada: você viaja frequentemente para cá, e eu tenho profundas raízes na situação brasileira. No entanto, a massa de informação que incide sobre nós é tão colossal, e tão bem dirigida, que exige esforço sobre humano preservar sua própria autonomia. A gente fica engolida. Aparentemente a informação trata dos mesmos fenômenos, mas vem digerida. Os fenômenos mesmos desaparecem, até quando são tão prosaicos e neutros quanto o é o petróleo e a eleição francesa. Que dizer de fenômenos mais significativos como o é a crise da fé, do saber científico e da arte? Por favor, Milton, unámo-nos para resistir à coisificação que os estabelecimentos em nós operam. Conservemos, juntos e em colaboração, a capacidade de emergir, de vez em quando, do nosso contexto. Sejamos "filósofos" no sentido platônico: alhemos, juntos, as formas. Ou, para falar mais modernamente: continuemos fieis à fenomenologia, e permitamos que os fenômenos mesmo nos falem. Mitterrand, Spínola, o nível econômico da Nigéria e o Islam de Khadafi são fenômenos da nossa "Lebenswelt", e é como tais que devemos vê-los. Não interessam em si, mas para nós em nosso projeto de dar sentido à nossa vida. Ai de mim: mas isto não será "nova esquerda"? Veja como são poderosos os modelos. Devem ser "reduzidos"! Zurueck zur Sache! L'imagination au pouvoir! Se você prefere: Fantasia essata. Falarei nisto em Columbia University em novembro. Mas venha antes, para combinarmos isto. E seja abraçado por este teu fiel amigo.

Definições: Humanismo: O homem como medida

Técnica: Aplicação de medidas

Distância entre os dois: Perda de medida, anormalidade, anormalidade

Modelos de cultura:



A: Estrutura da memória desincronizada

B: Estrutura da existência com memória sincronizada com circunstâncias e futuro para formar 'Cabeusnet'.